

**ESPETÁCULO-LABORATÓRIO OFÉLIA E A FANTASMA PARA PENSAR
ATUAÇÃO NA RUA**

Joana Zanotto Sabbá Guimarães, André Luiz Antunes Netto Carreira

INTRODUÇÃO

A atividade que destaco neste período de bolsa de IC é a criação da série teatral *Ofélia e a Fantasma*, feita para ser apresentada na rua e em espaços não convencionais. A série foi organizada como uma prática laboratorial para estimular a pesquisa da atuação no contexto da cena expandida. O eixo deste trabalho está na reflexão sobre o teatro de rua como território de ocupação da cidade e na relação do espaço com os dispositivos da atuação fundada no aqui e agora. Desde o final de 2024, o grupo ÁHQIS trabalha na criação e desenvolvimento da série espetáculo-laboratório *Ofélia e a Fantasma*, foi planejada para ter seis episódios em sua primeira temporada, ainda que por razões logísticas só foram apresentados os EP1 e 2. Na série, que se desdobra ao longo dos episódios em diferentes espaços, investigamos uma atuação no teatro de rua como ocupação da cidade. Desse modo, a série foi, por enquanto, um campo para a pesquisa da atuação nesse contexto, no qual a rua foi mais do que um mero cenário para a cena. A cidade funcionou como dramaturgia propondo modificações nas atrizes e a cena em si propondo modificações na rua. Experimentamos uma atuação de intensidades, buscando aprofundar estímulos psicofísicos, e fazendo da atuação nosso terreno para a criação poética, nos distanciando assim de um teatro representativo. A cena na rua e espaços não convencionais permite ainda a fricção entre realidade e ficção, com cenas que nos convocam a expandir nossa mirada ao teatro. No contexto da minha pesquisa pessoal interessou refletir sobre a escuta como elemento ativo na atuação, e aqui a escuta engloba a rua, com seus ruídos, memórias, histórias e acontecimentos em tempo presente.

DESENVOLVIMENTO

Estreamos o primeiro episódio da série *Ofélia e a Fantasma* durante o evento Maratona Cultural no domingo de 23 de março. Este EP1 utilizou um trajeto que ia da Hercílio Luz ao Museu da Escola Catarinense MESC. O segundo episódio ocorreu em um salão de festas em um condomínio particular, na noite de quinta-feira, 10 de abril. A série de seis episódios tem como foco a experiência de atuação a partir da ideia de um teatro de intensidades no contexto de diferentes espaços (locações). Os demais episódios da série foram planejados, mas ainda não realizados devido a agenda do grupo.

Para o primeiro episódio, nos habituamos aos ensaios na rua, sentindo-nos cada vez mais à vontade em criar num contexto mais hostil em comparação aos espaços teatrais convencionais, lidando com os acontecimentos inerentes ao contexto de rua como barulho, reclamação de

pessoas incomodadas, negociações na ocupação dos espaços e também, compreendendo todas as experiências enquanto ensaios abertos diante da exposição pública inerente. Também tivemos que nos adaptar às necessidades técnicas, tendo como um dos principais desafios nos fazermos ser ouvidas, tanto no percurso de caminhada, exigindo microfones sem fio conectados a uma caixa de som, e no MESC, em que nossa cena aconteceu a alguns metros de shows no palco centro leste da Maratona Cultural. Para essa última cena, usamos microfones lapela ligados a pequenas caixas de som acopladas às nossas roupas. Uma parte dos ensaios foi destinada a pensar no espaço em que estávamos atuando como um campo de jogos e de relação com os nossos corpos, movimentos e textos, experimentando maneiras de nos posicionarmos e deslocarmos sem reduzir o espaço a um cenário deslocado da cena. Interagimos com a escadaria, pilares e calçada na cena ocorrida no MESC, a qual fiz parte. Outros ensaios foram focados em atuar com o uso do microfone, testando as sonoridades e encontrando as possibilidades e limites de movimentos diante da necessidade desta ferramenta, nova para muitas de nós em cena. Na minha pesquisa, enquanto atriz no Laboratório de Atuação do ÁHQIS e em outras práticas, tenho refletido bastante sobre o elemento da escuta tentando integrá-lo em minha atuação de maneira mais expandida e ativa, e no contexto da rua isso ao que me parece se torna ainda mais urgente, considerando seus ruídos, memórias, histórias e acontecimentos em tempo presente. Nas nossas experimentações na escadaria do museu, observei muito as janelas dos prédios que nos arrodeavam em cena, pensando em como aquelas janelas, habitadas ou vazias, igual nos miravam. Dessa forma, fui trabalhando com ficcionalidades internas que me ajudavam a buscar uma interação com a localidade para além da fisicalidade das posturas e movimentos. Me interessa ainda muito a possibilidade de experimentar poéticas que repercutem em mim num ambiente de tantos atravessamentos, como se a atuação pudesse se integrar naquele instante ao ordinário do cotidiano, distante da sacralização do teatro. Experimentar estar em estado de jogo e atuação em meio ao comum, deslocando ao mesmo tempo o espaço desse comum e a mim de minha atuação.

Já no segundo episódio, realizado em um salão de festas, configurado como um espaço não convencional, em um ambiente onde as personagens estavam em uma festa surpresa para a Ofélia, o público era ao mesmo tempo plateia e convidados da festa. Nesse episódio, ficou mais evidente a fricção entre realidade e ficção pelo fato de o público estar totalmente inserido na festa, compondo também como personagens na peça. Uma das pessoas do público revelou ao final, em conversa, que sentiu medo por ter a sensação de que qualquer coisa poderia acontecer a qualquer momento. Do mesmo modo, os vizinhos, outros moradores do prédio, participam como figurantes da festa ao passar por ali, falar em voz alta, tornando o ambiente permeável.

Enquanto atriz em cena, considerando o foco temático do projeto desenvolvido no ÁHQIS, me interessa me colocar na encruzilhada sendo afetada por essa permeabilidade. Penso nesse lugar que nos coloca ao encontro da escuta expandida. Estar em cena com outros atores e atrizes criando no aqui e agora, sem estar absolutamente a serviço do texto dramático, ao mesmo tempo em que se desenrolam situações de cena com o público, em um jogo compartilhado em que as fronteiras entre realidade e ficção se afrouxam na criação de um espaço comum durante a duração da peça. A indução de intensidades na atuação desloca a “normalidade” provocando circunstâncias que geram reações. Talvez nesse sentido, o público seja convocado

também a atenção mais plena por estar inserido dentro da cena.

RESULTADOS

Destaco como resultado de nossa pesquisa neste ano, a continuidade no trabalho permanente de atuação com o uso do instrumento do espetáculo-laboratório, o que ficou evidente na Mostra ÁHQIS que realizamos em agosto com 6 espetáculos. Na minha trajetória individual, ressalto, além das práticas laboratoriais de atuação em sala e em nossos espetáculos, a experimentação da potência do fazer teatral na rua e em espaços não convencionais criando comunidades momentâneas como fraturas nos fluxos da cidade. Segundo o professor André Carreira e a professora Lara Matos (CARREIRA, MATOS, 2016), o teatro de rua é uma prática poética e política ao propor rupturas na realidade simbólica das ruas, que passa do poder dominante ao jogo criado pelo teatro, uma arte inútil, por não estar a serviço do poder econômico, propondo novas dramaturgias para a cidade, que funciona como texto vivo. Esses diálogos mais aproximados entre público e atores transformam por um momento os fluxos e a própria cidade construída por seus fluxos. Nesse sentido, a série Ofélia e a Fantasma nos propôs criar uma atuação em que se produziu deformações no imaginário dos espaços ocupados. Tanto na caminhada pela avenida Hercílio Luz, na ocupação do prédio do museu, quanto em um salão particular, pudemos por um momento deslocar o imaginário cotidiano, em um teatro em que a rua não é apenas cenografia, mas “como um texto vivo que é produzido tanto pela configuração arquitetônica como pelo fluxo dos habitantes” (CARREIRA, MATOS, p. 27, 2016).

Ainda sobre o deslocamento do cotidiano no teatro de rua, Carreira também escreve sobre a possibilidade de que os transeuntes sejam partícipes ao criar, a partir dos estímulos provocados pelo teatro, novas imagens que tensionam com as regras vigentes na cidade, criando a possibilidade das pessoas experimentarem sua autonomia e desejo de ocupar novos papéis (CARREIRA, 2025). Na última cena do episódio 1 de Ofélia e a Fantasma, ao final, todo o elenco canta, se deslocando entre as pessoas que estavam assistindo, a canção “Como nossos pais”, o que nos permitiu experimentar intensidades, nos relacionando com os transeuntes. Nesse momento, ao atuarmos muito perto do público, e num espaço diferente da sala fechada dos teatros, permitiu-se viver reações diversas. Foi uma prática importante para minha pesquisa poder experimentar atuar diretamente com as pessoas e vê-las de certa forma atuando também. É importante dizer

que o caráter não representacional da atuação pesquisada no Laboratório permite esses diálogos de proximidade, porque partimos de um princípio de uma atuação baseada na experiência no aqui e agora. Ao refletir sobre o aqui e agora no processo de atuação teatral, Carreira explica sobre como o material dramático textual é retirado do centro da experiência cênica para se “trabalhar a partir do objetivo de colocar o trabalho da atuação no eixo do acontecimento teatral”, criando a possibilidade de se “conviver com camadas de aleatoriedade no processo” (CARREIRA, p.154, 2023). A aleatoriedade ganha importância nesse contexto de compreensão para as atrizes e atores porque “permite incorporar aos processos a experiência concreta que cada pessoa vive no contexto da criação” (CARREIRA, p.154, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de criação de Ofélia e a Fantasma pudemos investigar o teatro de rua como ocupação da cidade. Desse modo, nos episódios da série realizados foi construído um campo para a pesquisa da atuação nesse contexto, em que a rua, mais do que um cenário para a cena, funcionou como dramaturgia propondo modificações nas atrizes e a cena em si propondo modificações na rua. Experimentamos procedimentos do teatro de intensidades, e a possibilidade de gerar estímulos para criação de novas imagens nos espaços públicos e não convencionais. Assim, buscamos diluir os limites entre ficção e realidade trabalhando com a ideia das comunidades temporárias criadas durante o jogo do acontecimento teatral. Ao experimentarmos uma atuação de intensidades, buscando aprofundar estímulos psicofísicos, e fazendo da atuação nosso terreno para a criação poética, nos distanciando assim de um teatro representativo. Além disso, pudemos refletir sobre a escuta como elemento ativo na atuação no aqui e agora onde os transeuntes mais do que público e os espaços mais do que cenários propõe texto vivo para atuação.

Palavras-chave: teatro de rua; atuação; aqui e agora; escuta; cena expandida.

ILUSTRAÇÕES



Foto 1: Ensaio de cena de Ofélia e Fantasma na escadaria do Museu da Escola Catarinense (MESC)



Foto 2: Cena dentro do carro em apresentação de Ofélia e a Fantasma

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRA, André. Ensaios sobre atuação: Utopias de vagalumes. Itajaí: Rizoma projetos editoriais, 2023.

CARREIRA, André. Teatro de rua como ocupação da cidade: criando comunidades transitórias. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 13, p. 011–021, 2018. DOI: 10.5965/1414573102132009011. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102132009011>. Acesso em: 2 abr. 2025.

TURLE, Licko; TRINDADE, Jussara; GOMES, Vanéssia (organizadores) – Teatro de Rua – Discursos, Pensamentos e Memórias em Rede. Fortaleza: Aldeia Casa Viva, 2016.

DADOS CADASTRAIS

BOLSISTA: Joana Zanotto Sabbá Guimarães

MODALIDADE DE BOLSA: PIBIC CNPq

VIGÊNCIA: set/2024 a ago/2025 – Total: 12 meses

ORIENTADOR(A): André Luiz Antunes Netto Carreira

CENTRO DE ENSINO: CEART

DEPARTAMENTO: Artes Cênicas

ÁREAS DE CONHECIMENTO: Artes

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: Ambiente, atuação teatral e cena expandida iberoamericana

Nº PROTOCOLO DO PROJETO DE PESQUISA: NPP3267-2023